

THÁRCILO LUIZ DA SILVA HENTZY



hentzytharcilo@gmail.com

Transmasculine, 27 anos, pessoa indígena em retomada do povo Pataxó Hae-hae-haes. Sou frequentemente atraído pelas multi-linguagens das artes, já tive meus dias de poeta, mas ando um tanto distante dessa escrita (desejo voltar). Curso graduação em psicologia na UFRJ. E estou como coordenador da Revista Estudos Transviades.

Thárcilo Luiz

RETOMADA NA BALLROOM: PRIMEIRA E SEGUNDA BALL IDÍGENAS DO BRASIL

Thárcilo Luiz da Silva Hentzy
(Com participação de Ramona Jucá,
Dani Maresia, May Marinho e Ravi Carvalho)

As Ballrooms vêm sendo parte importante da cultura LGBTQIAPN+, e surgiu nos Estados Unidos, mais propriamente na cidade de Nova York, a partir dos anos 1970. A precursora desse movimento foi Crystal LaBeija, uma travesti latina que se tornou figura importante nesse contexto tendo fundado a House of LaBeija em 1968. As Ball's ou bailes são eventos onde pessoas LGBTQIAPN+, em especial pessoas racializadas, se reúnem para se expressar, voguear¹, competir, e celebrar suas identidades. A comunidade formada através das Ball's têm uma relevância que é histórica pois, durante o período mais extremo da eclosão da epidemia de HIV, na década de 80, que afetou tremendamente as pessoas LGBTQIAPN+, causando inclusive a perda de membros preciosos, a comunidade Ballroom teve papel crucial no apoio e na educação sobre o HIV, auxiliando na luta contra o estigma e a difundir informações sobre a prevenção e cuidados.

Dentro da cultura Ballroom são formadas “casas” ou Houses, lideradas por figuras pioneiras que recebem os títulos de “mães” e “pais”, e possuem o papel de dar suporte aos seus filhos, que geralmente são pessoas que estão em uma trajetória menos longínqua que as delas, mas estão construindo seus legados com muito talento e empenho.

Além disso, as casas promovem a criação de vínculos, relações afetivas, e suporte emocional, tanto no quesito das performances e da arte propriamente, quanto em diferentes âmbitos da vida. O que proporciona um sentido de pertencimento e proteção entre pessoas que diariamente enfrentam diversas formas de discriminação e violência por parte da sociedade. Na cena do Rio de Janeiro, por exemplo, todos os meses acontece a ação Suporte T, que é uma parceria da Ballroom Rio com a Kuzinha Nem - Local de empreendedorismo social e economia solidária que trabalha com culinária vegana - , e são distribuídos legumes para pessoas da comunidade Ballroom em situação de vulnerabilidade social e, conseqüentemente, vulnerabilidade alimentar. O espaço em que encontramos na Ballroom alimentam, além do corpo, o imaginário de beleza e de potencialidades de movimentos quando são encontradas ali referências nas quais é possível se reconhecer, onde se pode competir em categorias que reflitam e reconheçam suas próprias expressões de gênero e corporalidades como admiráveis, válidas e dignas de um Grand Prize (assim são chamados os prêmios quando se ganha a competição em uma categoria).

É fundante o protagonismo negro e travesti, não podemos esquecer disso quando falamos sobre essa cultura, pois desde sua formação são as que estão fortalecendo o movimento, apesar de todas as dificuldades que o racismo e a transfobia as submete.

No entanto, outras identidades marginalizadas, que há muito tempo também estão presentes, vêm buscando construir visibilidade, como é o caso das transmasculinidades e não-binariedades. Se hoje é possível assistir a um RollCall de transmasculines é porque houveram aqueles que insistiram em demarcar que ali também era seu lugar, proporcionando um acolhimento e fortalecimento dos que vieram e virão em seguida. Do mesmo modo, as identidades indígenas, na direção dos processos de retomada que os povos que foram dispersos no contexto urbano pela colonização, têm feito, há um notável movimento de automafirmação destes dentro da Ballroom que também precisa ser visto e aclamado, pois a existência de pessoas indígenas destaca a interseccionalidade e a importância de reconhecer a diversidade das pessoas LGBTQIAPN+. Cada participante trás uma perspectiva única, contribuindo com a riqueza e vitalidade da cena.

Esse ano, 2023, durante o Acampamento Terra Livre em sua 19ª edição, que aconteceu em Brasília, evento que ocorre todos os anos e reúne vários parentes indígenas durante da demarcação de terras no Brasil, foi feito, pela primeira vez, uma Ballroom de pessoas indígenas, organizada a partir de uma parceria entre a Casa de Onijá e o Coletivo Tybyra.

Vogue é ancestralidade: Um relato sobre a primeira edição indígena da Ballroom no 19º Acampamento Terra Livre por Ramona Onija

Sou Ramona, tenho 24 anos, nascida em Brasília, pertenço ao povo potiguara, cujo território fica no Rio Grande do Norte, de onde a minha mãe vem. Ela nasceu em uma comunidade potiguara localizada em Rio dos Índios e se mudou para cá ainda criança. Eu fui criada uma parte na periferia de Samambaia, e outra parte em Taguatinga, dentro de um espaço cultural - onde ainda moro - que se chama Mercado Sul. Dentro desse espaço a gente tem a Ocupação Cultural Mercado Sul Vive (@mercadosulvive), que compõe grande parte da caminhada de me construir politicamente a partir das vivências que eu tenho aqui no Distrito Federal. Me formei em audiovisual e trabalho hoje dentro do território como social media, no Estúdio Molotov (@estudio.molotov). Sou, então, uma comunicadora indígena que atua principalmente no movimento LGBTQIAPN+, sendo também uma pessoa não binária. E faço parte da comunidade Ballroom integrando a Casa de Onijá (@casadeonija).

Na Ocupação Cultural Mercado Sul Vive fazemos diversas aulas e oficinas, desde capoeira, artesanatos, e também o vogue, que chega na quebrada como oficina de dança. É a partir dessa oficina que vou me juntando com outras gatinhas, fazendo parte deste Coletivo/House, a Casa de Onija, inspirado em toda uma cultura que vem historicamente lá dos Estados Unidos, movimento que é composto por várias casas e pessoas LGBTQIAPN+ se organizando, se fortalecendo, ao meu ver, como uma tática de sobrevivência. A Ballroom tem origem numa época de epidemia do HIV/Aids, epidemia esta que, de forma preconceituosa, foi vinculada à população LGBTQIAPN+. Aqui no Brasil, portanto, a gente utiliza essa linguagem de várias formas, realizamos as competições de dança, mas estamos ali não somente pela competição em si, estamos também para contemplar os corpos dissidentes, corpos marginalizados, nos reconhecendo dentro dessa ancestralidade que é a cultura Ballroom.

Esse ano, em Abril, surge a possibilidade da realização de uma Ball de vogue dentro do Acampamento Terra Livre, que é o maior acampamento indígena do mundo. Eu fui, a partir de toda uma vivência enquanto pessoa indígena não-binária, periférica, uma das pessoas que, dentro da minha House, articulei, propus e também fui jurada nessa Ball, que foi uma participação da comunidade Ballroom já composta em Brasília com a comunidade LGBTQIAPN+ e a comunidade Indígena dentro do acampamento Terra Livre.

Este momento teve extrema importância para conseguirmos demarcar mais ainda a cultura LGBTQIAPN+ em todas as lutas. E também demarcar a luta originária, a luta indígena, dentro do movimento LGBTQIAPN+ como um todo. Minha participação foi nesse intuito e também de afirmar a presença de Tybyra, levar a história de Tybyra, primeira pessoa morta por homofobia no Brasil, que é uma pessoa originária, tupinambá, morta na boca de um canhão no Maranhão. Ao assistir desde nossos anciãos, as crianças, a juventude, participando das categorias, batendo palma, interagindo ali com toda a comunidade, a gente percebeu quão potente o vogue é, por que o vogue é também essa dança que trás toda a ancestralidade da nossa comunidade, das femme queens, das butch queens, que aqui é traduzido como as travestis, as pessoas não binárias, as pessoas trans, os transmasculinos, as gays, as lésbicas. É nesse sentido, de a gente unir a luta que é de todos, tanto a luta LGBTQIAPN+ quanto a luta originária indígena, a luta por terra, a luta por acesso à nossa ancestralidade mesmo, que não é sobre só viver, mas viver com qualidade de vida no Brasil, de que se tratou esse momento.

Como uma pessoa indígena que contribuiu para seu acontecimento e esteve presente, posso dizer que o Acampamento Terra Livre e tudo que se passou lá formou cada vez mais a minha identidade, e não só a minha, mas acredito que de muitos parentes, pois muitos laços foram feitos, muitas pessoas indígenas que talvez não se conhecessem, se conheceram naquele encontro.

Afinal, o Acampamento Terra Livre é para isso, né, para que consigamos, enquanto lideranças, Coletivos, Organizações, pessoas indígenas, pessoas quilombolas que vêm à Brasília lutar pelos seus direitos, poder estabelecer essas pontes, e enxergar que não estão isoladas e sim que elas vivem e existem como pessoa indígena, existem no seu Estado, na sua quebrada, na sua aldeia, mas também existem pessoas indígenas em todo o Brasil lutando junto, sabe, por que todo o projeto da colonização ainda está por aí, produzindo invisibilidades.

É muito essencial, portanto, para a cena Ballroom, enxergar a presença indígena como construção do que é a luta LGBTQIAPN+, porque quando a gente fala que a cultura Ballroom é iniciada nas periferias dos Estados Unidos, a gente tá falando de um movimento feito por pessoas negras e latinas, e quando menciono pessoas latinas é muito pensando num apagamento histórico. Muitos povos originários também existem e resistem até hoje nas terras dos Estados Unidos, e o mesmo se dá aqui no Brasil. Então, cada vez mais, nós, que estamos inseridos em diversos contextos, pessoas indígenas LGBTQIAPN+, precisamos demarcar os espaços de lutas da nossa comunidade. Ballroom é esse espaço de vivência, é um espaço onde o nosso corpo não deve ser só julgado pelos jurados e demais pessoas, mas um espaço onde a gente afirma toda a diversidade dos nossos corpos.

Ver várias pessoas indígenas, LGBTQIAPN+, caminhando, vivas, no país que mais mata pessoas originárias, pessoas militantes pela terra, o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+, é uma vitória. Nós continuaremos ocupando esses espaços. Seja enquanto Ramona, seja enquanto pessoa indígena, enquanto Casa de Onijá, enquanto povo Potiguara, eu continuarei.

ENSAIO ORIGEM ONIJÁ
COM RAMONA JUCÁ
pg. 198

(Disponível no Instagram da Casa
de Onijá - @casadeonija)

FICHA TÉCNICA

Direção de arte: Guajá Onijá,
Webert Vieira, Ramona Jucá e
Paris Suwika

Fotografia: Webert Vieira

Figurino: Rick Paz e Ave Fufy

Maquiagem: Ramona Onijá

Cenografia: Fêtxawewe Tapuya

Guajajara e Werick Mendes

ISSN 2764-8133

p. 197



Segunda Ball Indígena do Brasil: Espíritos Ancestrais

Após as repercussões da Ball ocorrida no ATL, em 17 de Novembro deste ano foi realizada a segunda Ball Indígena do Brasil, sendo a primeira na Amazônia, ocorrida no galpão circular na praça do Largo de São Sebastião, em Manaus. A Ball deu destaque para a diversidade cultural e artística, com ênfase nas práticas de ancestralidade e em expressões da cultura manauara, cidade com maior população étnica originária do país, segundo dados disponibilizados pelo Censo demográfico de 2022 do IBGE, seguida de São Gabriel da Cachoeira e Tabatinga, respectivamente, todas no Estado da Amazônia.

O número de pessoas indígenas no Brasil hoje é de 1.693.535 pessoas, apresentando um crescimento de 88,82% em relação ao censo anterior, que em 2010 fez a contagem de 896.917 mil pessoas. Porém, há que se ter atenção ao interpretar esse novo dado, não se tratando de um aumento da natalidade de pessoas indígenas nestes doze anos, e sim considerando que houve uma importante mudança de abordagem e método adotada pelo Censo do IBGE em 2022, tendo contado com a participação de lideranças dos povos originários e da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) durante o processo de concepção das entrevistas, bem como a busca ativa para o recenseamento em territórios indígenas demarcados e não demarcados, e o fortalecimento fundamental do debate acerca da autodeclaração de pessoas indígenas residentes em domicílios nos contextos urbanos e rurais.

É possível relacionar, deste modo, também os diversos movimentos de retomada indígena em contexto urbano, com os novos números sobre a população indígena brasileira e com o fortalecimento das identidades originárias nos mais diversos espaços. Dani Mresia, por exemplo, que é multiartista e estudante do curso de dança na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), contou que pertencendo a comunidade Ballroom teve acesso às discussões étnico-raciais e encontrou referências para pensar sobre sua própria história, como nos relata neste trecho:

“foi na Ball que eu descobri que poderia iniciar o meu processo de retomada, entende? Foi através da Uýra Sodoma. (...) Uma artista gigantesca daqui do Norte, ela faz parte da cena Ballroom aqui de Manaus, ela me ajudou, me colocou numa exposição dela. Nesse processo a gente acabou entrando numa parte bem profunda da minha história, da minha vivência. E foi a partir daí que eu fui me realocando, me encontrando e me identificando cada vez mais com as minhas raízes.”

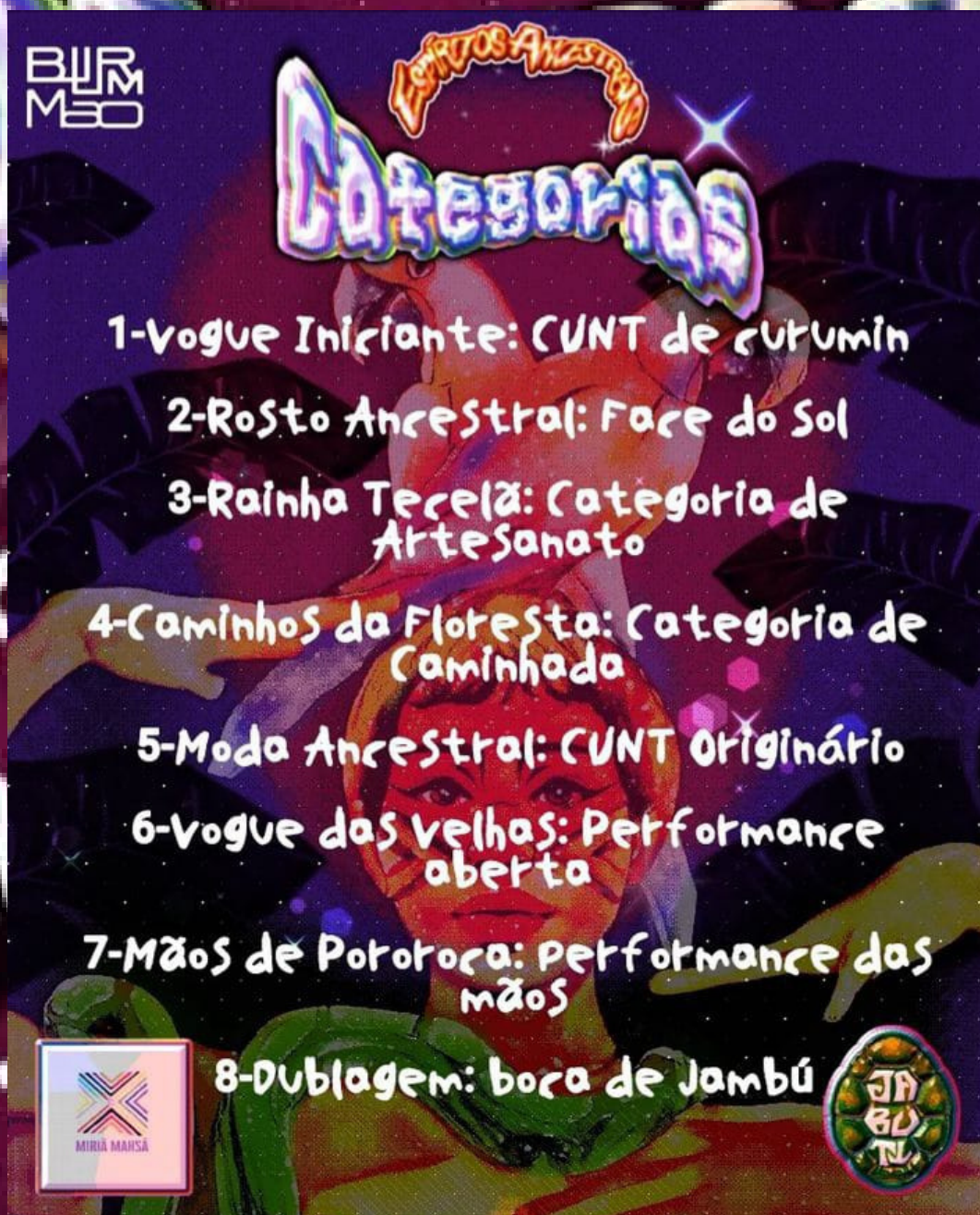
A multiartista disse, além disso, que a ideia de uma Ball indígena na Amazônia surgiu em um momento de interação entre pessoas indígenas da cena, pessoas que também compõem o Coletivo Miriã Manhã, coletivo LGBTQIAPNB+ de Manaus que, despretensiosamente estavam, segundo ela, “geral, assim, na mesa do bar, um povo de ballroom, um povo do coletivo, um povo ali da Universidade Federal daqui do Amazonas, e viraram pra gente e falaram isso [sobre fazer uma Balroom indígena] e a gente fez uma ball.” Maresia ressalta:

“A gente conversou, a gente falou sobre categorias, a gente tem a nossa filha que é a Kuenan (@kuenantikuna), ela é filha da casa Onijá também, que é uma casa indígena, se não me engano é uma mainstream. (...) Primeiramente a gente ia fazer no Parque das Tribos, que é uma comunidade indígena dentro da cidade. É a maior comunidade indígena daqui de dentro da cidade de Manaus. E a gente ia fazer lá, só que existia toda uma problemática de localização. É um local muito distante de todas as gatas que fazem parte da cena e de outras pessoas, seria de difícil locomoção. E a gente desistiu desse plano e a acabou encontrando um lugar no centro de Manaus, assim, onde facilitaria para todo mundo.”

Pode-se observar o cuidado com o qual foi pensada essa Ball, na forma com que foi decidido o local, preferenciando um espaço que se localiza no coração da cidade, bem como nos detalhes mais primordiais como as artes de divulgação e títulos das categorias, referenciando e reverenciando a linguagem e atividades ancestrais.

Da mesma forma que ocorreu no Acampamento em Brasília, na Ball amazônica houve um diálogo geracional através da participação incentivada de pessoas anciãs pertencentes a povos indígenas, propiciada especialmente, neste caso, pela categoria de artesanato, como enfatiza Maresia: “Nessa categoria de rainha tecelã a gente teve a entrada de uma anciã na categoria. Ela é uma anciã que trabalha com artesanato há muito tempo, ela é Sateré. A filha dela entrou na categoria do nada e todo mundo já saiu gritando, vai ganhar, vai ganhar. É a Carla, o nome dela, e ela é Sateré também”. Isso se dá pela busca em tornar presente a cultura originária brasileira dentro da cena Ballroom, movimento este que é bem explicitado na fala de Maresia sobre a organização das categorias do evento.

“A gente se reuniu no Centro de Medicina Indígena (Bahserikowi - @centrodemedicinaindigena), que a gente tem aqui em Manaus. A gente reuniu o Coletivo e algumas pessoas da casa Jabuti. E a gente sentou com pessoas de vários povos diferentes. A gente tinha Tucano, Munduruku, Tikuna e Satere. Satere e que mais? É, acho que foram esses povos. A gente fez essa montagem de oito categorias, a gente foi juntando várias informações que a gente tinha sobre culturas e tudo que existe dentro da casa, dos povos originários daqui. (...)”



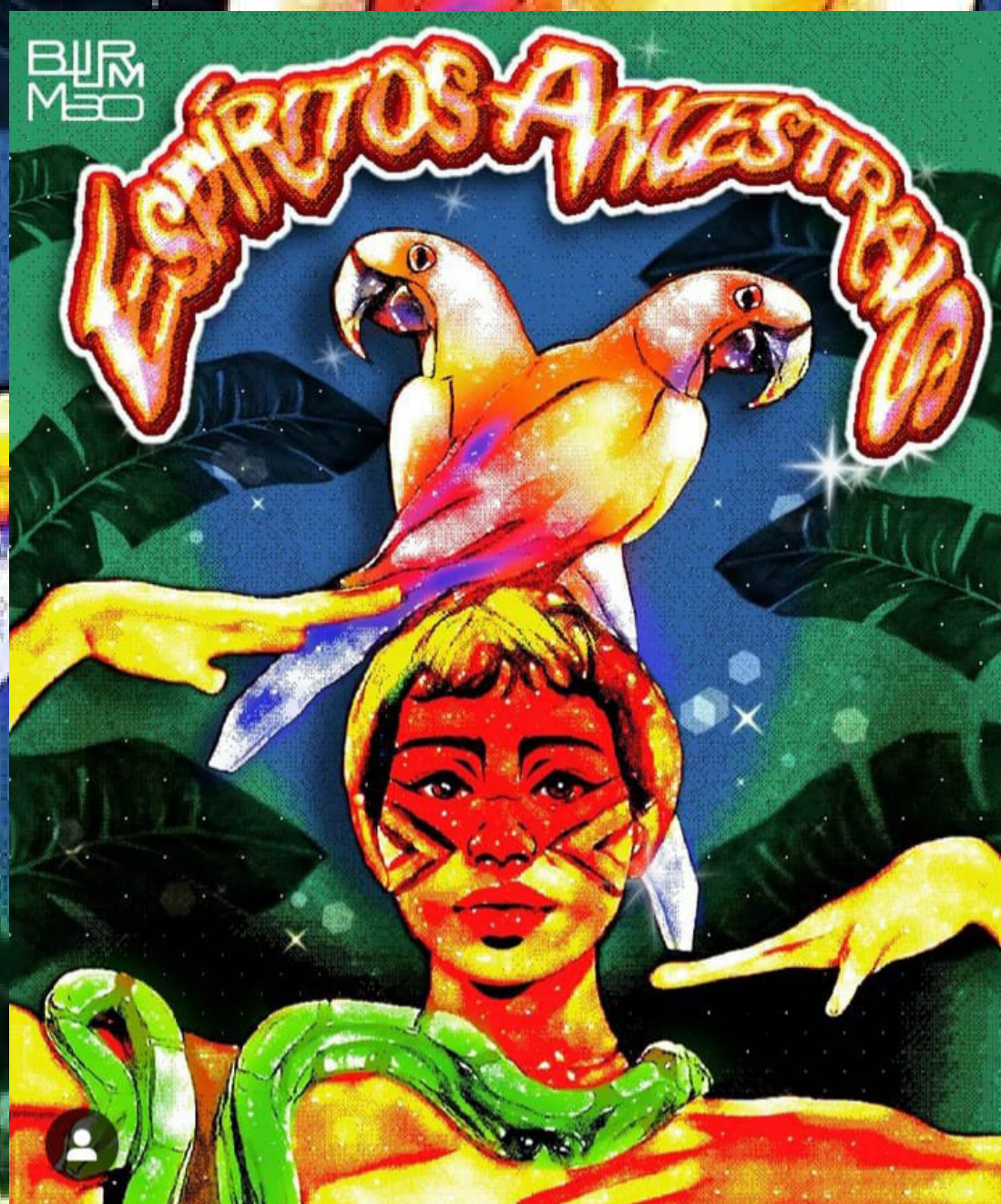
BURMBO

CATEGORIAS

- 1-Vogue Iniciante: CUNT de curumin
- 2-Rosto Ancestral: Face do Sol
- 3-Rainha Tecelã: Categoria de Artesanato
- 4-Caminhos da Floresta: Categoria de Caminhada
- 5-Moda Ancestral: CUNT Originário
- 6-Vogue das Velhas: Performance aberta
- 7-Mãos de Potoroca: performance das mãos
- 8-Dublagem: boca de Jambú

"A gente tinha Canto Ancestral, a gente tinha Face do Sol, rainha tecelã, tínhamos também a Boca de Jambu, que era a categoria de lip-sync, Mãos de Pororoca. A gente tentou ao máximo manter não só a questão regional do nosso Estado, mas de alguma forma, brasilizar as categorias, porque sempre é essa coisa muito americanizada"



A Ball “Espíritos Ancestrais” teve como DJ o Ravi Muc On, artista transmasculino morador da cidade de Manaus, que conheceu a Cultura Ballroom a partir da Simas Zion, dançarina, pesquisadora e pioneira em Manaus-AM. Que o convidou, ainda em 2019, para participar como DJ nas suas futuras ações. Para ele, participar dessa Ball, significou muito por ele também estar em busca da história de seus antepassados, de sua ancestralidade indígena. Além disso, afirmou: “ter participado da segunda Ball Indígena foi um momento único para minha vivência como DJ/Producer LGBTQIAPN+ (...). Ver pessoas indígenas fazendo suas performances na ball, mostrando seus looks, seus acessórios feitos por elas mesmas, foi um momento de muita resistência e troca de culturas.” Ravi pontua ainda que:

“Realizar uma ball indígena, no Brasil, que além de ser um país de terceiro mundo, xenofóbico, transfóbico e LGBTfóbico, e que possui uma população que é resultado de uma miscigenação cultural e étnica, é de extrema importância, pois estamos falando de um movimento que é político, que celebra a sexualidade, a raça e a diversidade de gênero. “ (...) (...) “Além de podermos ser o que realmente somos, estamos também desenvolvendo nosso senso político, quebrando padrões. Que nos vejam de forma humanizada, que nos respeitem também. Tenho como exemplo fortíssimo, o Nathan, rei das durags. Sensacional sua performance na Kiki Ball Afrodiaspórica, seu estilo, acessórios. Saia, bolsas, brincos. Uma verdadeira quebra de padrões, até mesmo dentro da cena ballroom. Por que uma pessoa transmasculina não pode utilizar acessórios que são utilizados por mulheres trans, mulheres cis?”

May Marinho, que conheceu a Ballroom através de uma amiga em 2019 e se apaixonou pela cena após estar presente na Ball “Animal Print”. Marinho é transmasculine e também estava na “Espíritos Ancestrais”, evento sobre o qual ele diz que “a sensação de pertencimento foi simplesmente sensacional, essa foi a segunda ball indígena e ela aconteceu aqui na região norte, onde temos o maior número de população indígena do país. Espíritos Ancestrais não só fortaleceu nossas origens como também foi um grito de (r)existência dentro do movimento e para fora dele.” Para Marinho ver outras pessoas trans, travestis, não binárias participando da organização e categorias da Ball “é sentir que você não está sozinho nessa construção”. Ele afirma: “O que mais me chamou atenção [Na Ball Espíritos Ancestrais] foi a quebra desse olhar estereotipado que nos foi colocado por muito tempo, um padrão criado pelo colonizador.” Argumentando que as expectativas de gênero refletem padrões culturais e sociais que evoluíram historicamente, possuindo, assim, raízes intrínsecas ao processo de formação da sociedade.

A fala de Ravi e Marinho evidenciam que a cena Ball tem se destacado como uma forma poderosa de expressão, desafiando as normas de gênero e proporcionando um espaço formado por diversas identidades. Apresentando, claro, características próprias em cada território em que é vivenciado. Embora hajam passos a serem dados em conjunto, a partir das pessoas que fazem a cultura permanecer viva, no sentido de combate às discriminações oriundas da estrutura social e acabam sendo reproduzidas internamente, é notável a capacidade da Ballroom de ser formadora de novos imaginários e referências, sua potencialidade de quebrar estereótipos de gênero, de racialidade, de corporalidades, e criar narrativas contra-hegemônicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMBRÓSIO, Nicolay. Manaus é palco da primeira ball indígena da Amazônia. Site Amazônia Real. Acesso em 26 de novembro de 2023. <https://amazoniareal.com.br/ballroom-indigena/>

DA AMAZÔNIA, Coordenação das Organizações Indígenas et al. Apib orienta a participação de indígenas na seleção do Censo Demográfico 2022 para o IBGE. 2022.

ESTEVAM, Aleson Lima Gomes. Balbúrdia: o barulho do entre corpos. Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2021







INFORMAÇÕES DAS IMAGENS:

ARTE DE
DIVULGAÇÃO DAS
DAS CATEGORIAS
FEITA POR JAU
RIBEIRO E DANI
MAREZIA
pg. 203

Fonte: Instagram Casa
Jabutt - @jabutttttt

ARTE DE
DIVULGAÇÃO DAS
BALL FEITA POR
JAU RIBEIRO E
DANI MAREZIA
pg. 205

Fonte: Instagram Casa
Jabutt - @jabutttttt

JAU RIBEIRO
NA PRIMEIRA BALL
INDÍGENA FEITA
NA AMAZÔNIA
pg. 211

Foto: Alberto César
Araújo/Amazônia Real

RAVI COMO DJ
NA PRIMEIRA BALL
INDÍGENA FEITA
NA AMAZÔNIA
pg. 209

Foto: Juliana Pesqueira

UYRA SODOMA
NA PRIMEIRA BALL
INDÍGENA FEITA
NA AMAZÔNIA
pg. 210

Foto: Alberto César
Araújo/Amazônia Real

DANI MAREZIA
DURANTE A
APRESENTAÇÃO
NA CATEGORIA "FACE"
pg. 213

Foto: Alberto
César Araújo/
Amazônia Real

A ARTESÃ E LIDERANÇA
SATERÉ-MAVVE, MOY É
O SEU FILHO ADOLFO
TAPAIUNA.
pg. 212

Foto: Alberto César
Araújo/Amazônia Real